

**A SUBSTITUIÇÃO COMO ÉTICA EM *AUTREMENT QU'ÊTRE OU AU-DELÀ DE L'ESSENCE* DE EMMANUEL LEVINAS**

**Ubiratane de Moraes Rodrigues**

Mestre em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará – UECE. Professor Assistente do Curso de Licenciatura em Ciências Humanas – UFMA/Campus de Grajaú. Pesquisador do Núcleo de Estudos e Pesquisas em História, Política, Educação e Cultura do Campo (NEPHECC-UFMA).  
ubiratanerodrigues@gmail.com

*Para Ubiraci, encarnação até a hemorragia da Substituição.*

**RESUMO**

Este artigo apresenta a Substituição como Ética na obra *Autrement qu'être ou au-delà de l'essence* de Emmanuel Levinas. Para tanto, apresentaremos como ele concebe a anterioridade da responsabilidade ilimitada em relação à liberdade, e a ideia de resposta profética como resposta vinda de um passado imemorial. A noção de sujeito doação, vazio de si-mesmo e como suporte do universo substituindo a tudo e a todos fundamenta o objetivo deste artigo. Assim com a intrínseca relação entre as noções de passividade, proximidade, refém, obsessão, perseguição, liberdade finita, sustentar-se à a tese central do Eu levinasiano: subjetividade única, suporte, insubstituível e ética.

**Palavras-chave:** *Autrement qu'être ou au-delà de l'essence*; Ética; Responsabilidade; Substituição.

**THE SUBSTITUTION AS ETHICS IN THE TITLE *AUTREMENT QU'ÊTRE OU AU-DELÀ DE L'ESSENCE* FROM EMMANUEL LEVINAS**

**ABSTRACT**

This article presents the Substitution as Ethics in the title *Autrement qu'être ou au-delà de l'essence* from Emmanuel Levinas. Therefore will be presented as he understand the anteriority of responsibility unlimited towards to the freedom and the prophetic answer idea as response coming from an immemorial past. The notion of subject-donation, empty from himself and as a support of the universe, substituting everything and everyone base this article. In this manner, as the inherent relation between the notions of passivity, proximity, hostage, obsession, persecution, finite freedom, sustain the thesis of the Self in Levinas: unique subjectivity, support, irreplaceable and ethics.

**Keywords:** *Autrement qu'être ou au-delà de l'essence*; Ethics. Responsibility; Substitution.

## INTRODUÇÃO

Lá onde eu teria podido permanecer como espectador, eu sou responsável, em outros termos, tomo a palavra. Nada mais é teatro, o drama não é jogo. Tudo é grave. (Levinas).

A obra do filósofo lituano Emmanuel Levinas<sup>1</sup> *Autrement qu'être ou au-delà de l'essence*<sup>2</sup> é um marco no pensamento ocidental. Ainda pouco conhecida no Brasil ela traz uma novidade tanto na maneira de fazer filosofia, quanto em seu conteúdo. Temas como linguagem, sensibilidade, metafísica, subjetividade, justiça entre outros, são pensados numa proposta de superação, inclusive com seu próprio pensamento – *Totalidade e Infinito* sua primeira grande obra –, com o pensamento ontológico. Na busca de fugir às armadilhas do Dito, Levinas abusa dos recursos lingüísticos e dos termos emprestados do pensamento judaico. *Autrement qu'être ou au-delà de l'essence* é a síntese filosófica de seu pensamento sobre o sentido da Ética e do humano. É o esforço de uma vida, uma longa caminhada rumo a Ética além da essência.

Este artigo ao apresentar a Substituição como Ética não pretende sintetizar a obra em questão, antes expõe esforços de alguns anos de pesquisas sobre o pensamento de um filósofo que seguindo a intuição de Platão buscou o sentido além da essência: o Bem. Nesse sentido o pensamento ético que se expõe nas linhas seguintes é uma viragem na própria obra do autor, pois se em *Totalidade e Infinito* Levinas buscava salvar a subjetividade, em *Autrement qu'être* ele salva o Outro, pois o egoísmo da fruição é interrompido pela imediatez da resposta que o Outro exige. O Eu tira o pão de sua própria boca para dar. A tese da Substituição decorre de uma responsabilidade ilimitada, anterior às escolhas e às vontades individuais, sem comércio com a liberdade infinita do Eu da tradição filosófica. Responsabilidade que é resposta, resposta numa linguagem pré-original e profética. A prioridade da audição em relação à visão é a in-condição do sujeito eleito pelo Bem. A obediência a essa eleição faz do Eu insubstituível: suporte até a expiação. Essa subjetividade apresentada por Levinas é o outramente que ser. Por isso, abordaremos apenas a noção de Substituição dentro desta obra, pois, parece-nos claro que ela é a tese central de Levinas.

## A RESPONSABILIDADE INFINITA

<sup>1</sup>Para uma introdução ao pensamento de Levinas ver: SUSIN, 1984; COSTA, 2000; MORO, 1982. LESCOURRET, 1994; BONAMIGO, 2005. Para uma autobiografia ver: LEVINAS, Emmanuel. **Difficile liberté**. Essai sur le judaïsme (1963). 3. ed. revista e corrigida. Paris: Albin Michel, 1984, p. 405-412. (Le livre de Poche).

<sup>2</sup>Todas as citações desta obra foram traduzidas diretamente pelo autor deste artigo.

A substituição como ética em *Autrement Qu'être ou Au-delà de L'essence* de Emmanuel Levinas  
*Ubiratane de Moraes Rodrigues*

Para Levinas, a responsabilidade vem de um passado imemorial, aquém da liberdade e da vontade do sujeito. A responsabilidade pelo Outro é responsabilidade pela obsessão<sup>3</sup>, e “[...] sugere a passividade absoluta de um *si* que jamais foi separado de si para reentrar em seguida nos seus limites e para se identificar reconhecendo-se em seu passado [...]” (LEVINAS, 1978, p. 180). Longe das categorias ontológicas, a responsabilidade está aquém da identidade, o Eu é responsável porque responde ao mandamento que vem do Infinito, responde porque é sempre culpado e está sempre em dívida. Responsabilidade que não é atributo da liberdade, pois neste caso nem a responsabilidade nem a obsessão seriam constituinte, ou já ela mesma, da subjetividade do Eu no acusativo: refém. A obsessão não é consciente, do contrário, o Eu tomaria as providências para enfrentar ou fugir da perseguição. Nesse momento voltaríamos ao Eu cartesiano, tanto criticado por Levinas que, do ponto fixo, da consciência resolveria, a partir de suas próprias intenções e de seus esquemas epistemológicos, seu problema. A questão aqui é desmistificar essa liberdade egológica, esta que faz no mundo aparecer um Eu tão soberano que chegue mesmo a ser capaz de ter presenciado o momento de sua criação e a criação do mundo, como se a criação deste fosse obra de sua vontade. Levinas chama essa postura de presunção de idealistas, ou seja, de *filósofos*. Contrariamente, ele pensa a liberdade em outra perspectiva, pois,

A responsabilidade como obsessão é proximidade: como um parentesco, é anterior a qualquer ligação escolhida. A linguagem é fraternidade e, assim, responsabilidade por Outrem e, logo, responsabilidade por aquilo que não cometi – pela dor e erro dos outros. Nos antípodas do jogo – da liberdade que não acarreta responsabilidade –, a proximidade é uma responsabilidade que não remete para minha liberdade (LEVINAS, 1999, p. 284).

A responsabilidade não vem da vontade ou do livre-arbítrio, nem da bondade carismática do amor. A relação é diferente da ontologia do engajamento. Não está mediada pela consciência que parte da liberdade para daí individualizar o Eu a partir de *si-mesmo*. Levinas defende que a própria singularidade do Eu vem da responsabilidade pelo Outro. Este, que fora dos esquemas representativos do Eu, vem de um passado imemorial, que nomeando e identificando o Eu o torna responsável, individualizando-o, tornando-o único.

<sup>3</sup>Salienta-se que os termos obsessão, perseguição, recorrência, e a ideia de acusativo são momentos indispensáveis para construção da subjetividade sem coincidência com a consciência. Visto que para Levinas a consciência não esgota a noção de subjetividade, ao contrário, o Eu não coincide com o *para si* da consciência. A recorrência é a busca pelo Si (mesmo) antes do Eu. Movimento fora da consciência onde o Eu se encontra no acusativo. A partir da recorrência na proximidade, surge um Eu anárquico, perseguido e acusado, subjetividade aquém da consciência, sujeito sempre em dívida, respondendo sempre em atraso, obsediado pelo Outro numa passividade mais passiva que toda passividade. No acusativo o Eu sente toda a passividade, o Si é a própria deposição do sujeito de seu trono de soberano. A partir de então podemos pensar a responsabilidade infinita até a Substituição. Ver: (LEVINAS, 1978, p. 165, 166, 167, 174, 175).

A substituição como ética em *Autrement Qu'être ou Au-delà de L'essence* de Emmanuel Levinas  
 Ubiratane de Moraes Rodrigues

Por isso, diferente da responsabilidade que se funda num discurso impessoal, ele pensa que “é na passividade da obsessão – ou encarnada – que uma identidade se individua única, sem recorrer a nenhum sistema de referência, na impossibilidade de esquivar-se sem carência, a citação do outro” (LEVINAS, 1978, p. 177). Esta responsabilidade, Levinas levará às últimas conseqüências. A universalidade da acusação faz do Eu responsável até a Substituição, e na sua individuação ele substituirá a qualquer um, mas ninguém poderá substituí-lo. Assim, como perseguido e refém, ele se torna responsável por todos e por tudo, pois “a ipseidade, na sua passividade sem arché da identidade, é refém. A palavra *Eu* significa *eis-me aqui*, respondendo a tudo e todos” (LEVINAS, 1978, p. 180-181). A partir desta condição – ou in-condição – o Eu expia pelo Outro, a obsessão passa então à mais cara das tarefas: a radicalização da palavra responsabilidade. A subjetividade perseguida, não sofre somente “por outrem”, mas “para outrem”, e nesse sentido podemos pensar uma passividade absoluta, que a partir do traumatismo da perseguição faz o Eu ser responsável até mesmo pelo perseguidor, pelas faltas não cometidas. Essa condição – ou in-condição – é o próprio questionamento do Ser, é o pôr em questão a consciência como núcleo do sujeito, é o destronamento do sujeito autônomo. O sujeito refém é vulnerabilidade e exposição à ofensa. Sujeito responsável, “responsabilidade anterior ao diálogo, à troca de questões e respostas, à tematização do Dito que se superpõe à minha colocação em questão pelo outro na proximidade e que no Dizer da responsabilidade, se produz como digressão” (LEVINAS, 1978, p. 176).

Esta responsabilidade anterior à liberdade, que leva o Eu à Substituição só é possível porque no *fundo* ele é expiação e bondade, não *conatus essendi*. Todavia, não podemos dizer que ele escolhe expiar pelo Outro, ou pelos outros, a expiação segundo Levinas é original, antes mesmo da manifestação da vontade “[...] como se a unidade e a unicidade do Eu estivesse já presa sobre si a gravidade do outro. Neste sentido o Si é bondade ou sob a exigência de um abandono de todo ter, de todo *a si* e de todo *para si*, até a substituição” (LEVINAS, 1978, p. 187). Não estamos já falando da própria subjetividade? Esses termos se imbricam e delineiam um sujeito passivo, refém e único. Contrário ao sujeito atividade da tradição que o pensa a partir da liberdade e da consciência, o sujeito levinasiano é um constante ir para o Outro, *para* que é via única da subjetividade insubstituível.

Esse ir até a substituição, mostra que a responsabilidade não pode ser limitada. Quanto mais eu respondo mais estou em dívida. Mas responder que é um voltar a Si (mesmo), e de Si ir ao Infinito no vestígio do Rosto do Outro. Na recorrência descubro-me

em falta. Descubro-me perseguido e refém, descobro que quanto “[...] mais justo sou – mais sou culpado, sou ‘em si’ para os outros. O psiquismo é o outro no mesmo sem alienar o mesmo” (LEVINAS, 1978, p. 178). Nesse sentido, poderíamos afirmar com Levinas que a “alma é o outro em mim” (LEVINAS, 1978, p. 111). Essa presença é imemorial, a unicidade do Eu vem desse passado mais passado que o próprio *começo*, vinda do traumatismo aquém de qualquer representação ou identificação consigo mesmo. Por estar em mim, por ser minha alma e a condição de minha individualização, a resposta/responsabilidade não pode ser medida, não pode ser pensada em termos de perdas e ganhos. O Eu como responsável por tudo e por todos não pode ter a liberdade infinita que a intencionalidade lhe atribui, antes, a liberdade do Eu é finita: infinita é sua responsabilidade e sua culpa.

Em termos éticos, somente a partir da responsabilidade pode-se falar de liberdade e não o contrário como faz as filosofias existencialistas. A responsabilidade é mais originária que a liberdade. Para Levinas, antes da consciência temos a passividade pura: temporalização. Esta é que possibilita a consciência como atividade. Ora, ele parte da relação de proximidade para falar dessa liberdade posterior à responsabilidade, pois “na proximidade do contato se une toda liberdade engajada que, por relação à liberdade da escolha da qual a consciência é a modalidade essencial, chama-se finita, liberdade na qual, contudo, esforça-se de referir todo engajamento” (LEVINAS, 1978, p. 122). O Eu é um ser responsável pelo Outro, logo, sua responsabilidade que vem de uma ordem imemorial, anárquica, é ilimitada. Antes de livre o Eu é responsável, ele responde. A responsabilidade precede a ideia de liberdade e não-liberdade. Essa responsabilidade vem de um não-lugar aquém da essência.

O Eu quando responsável até pelas faltas do próximo, indo até a Substituição, não depende de seu livre-arbítrio ou de sua vontade para tomar sobre si a responsabilidade pelo Outro, e essa responsabilidade anterior à liberdade dá-se justamente pelo fato do Eu se encontrar sempre no acusativo, ele está sempre em falta. Segundo Levinas, a responsabilidade ilimitada, sem a mediação seja da liberdade, seja da não-liberdade “[...] reclama a subjetividade como refém insubstituível que ela desnuda sob o Eu numa passividade de perseguição, de negação e de expulsão fora da essência, em Si” (LEVINAS, 1978, p. 197). Nesse sentido, a tese de Levinas sobre a prioridade da responsabilidade sobre a liberdade, dá-se justamente porque não há liberdade infinita e sim responsabilidade infinita pois, a recorrência é a saída do Si (mesmo) para o Infinito, vestígio de Deus no Rosto do próximo, uma vez que quanto mais sou responsável mais sou culpado. Vemos

aqui, que a tarefa a qual Levinas se propunha em *Totalidade e Infinito*, salvar a subjetividade, é radicalizada e toma outra dimensão em *Autrement qu'être*. A liberdade aqui é central nesse intuito, uma vez que a identidade do sujeito vem do Outro, da nomeação, da recorrência que não é liberdade intencional nem fruto de vontade alguma. Inclusive ele lembra que:

A recorrência do sujeito não é assim nem liberdade da possessão de si por si pela reflexão, (...), atravessando os avatares sob as máscaras do carnaval da história. Trata-se de uma exigência vinda do outro, além do *ativo* de meus poderes, para abrir um 'déficit' sem limites, onde se gasta sem contar – livremente – o Si. Todo sofrimento e crueldade da essência pesam sobre o ponto que a suporta e a expia (LEVINAS, 1978, p. 199).

Todo sofrimento recai sobre o Eu. O Eu é expiação, aquém da passividade e da atividade, não é expiação voluntária, isso já seria fruto do Eu livre e autônomo, mas expiação aquém da origem. Esta expiação é a Substituição, o Eu expia, pois sua condição – ou in-condição – de sujeito é *sofrer* pelo Outro, ele não escolhe, não é livre, antes ele é perseguido e refém. Notemos o comentário indispensável de Susin, ele observa que “freqüentemente o verbo ‘substituir’ vem acompanhado do pronome, que aqui tem importância: ‘Se substituer’, ou seja, é no **Se** que acontece a sub-stituição, o gesto de pôr-se sob o outro” (SUSIN, 1984, p. 378, grifo do autor). Isso não é um jogo da ontologia, mas vem de uma linguagem messiânica, cujos termos parece-nos confundir com religião, todavia, aqui não é apenas outro olhar sobre o problema da subjetividade, é saída mesma da linguagem ontológica da filosofia ocidental: “a substituição exige como condição de possibilidade a destituição da egoidade do **eu**, sua de-posição e seu esvaziamento” (SUSIN, 1984, p. 378, grifo do autor).

## A SUBSTITUIÇÃO

Levinas já utiliza o termo Substituição em *Totalidade e Infinito*, ele também aparece com mais profundidade, mas não totalmente desenvolvido, em seu escrito *Linguagem e Proximidade* de seu livro *Descobrimo a existência como Husserl e Heidegger*. A Substituição vai além da substituição do Outro, o Eu substitui a todos. Foi em torno deste tema, ou melhor, do capítulo sobre a Substituição que ele escreveu *Autrement qu'être*. A Substituição faz uma reviravolta na ideia de subjetividade, aliás, a Substituição é a subjetividade mesma. Estamos longe do termo acolhimento de *Totalidade e Infinito*, onde o Eu era determinado pelo acolhimento do Outro na casa.

A substituição como ética em *Autrement Qu'être ou Au-delà de L'essence* de Emmanuel Levinas  
 Ubiratane de Morais Rodrigues

A Substituição se dá na aproximação do próximo. E é o termo obsessão, a partir do traumatismo da perseguição que nos conduz até ela. Uma das grandes viragens no pensamento ocidental a respeito da Substituição é que através dela “[...] ultrapassa-se a noção de substância como constitutiva da subjetividade bem como a definição da subjetividade como ser. A subjetividade aparece assim como o inverso do ser” (BRITO, 2002, p. 322). E não poderia ser diferente, já que Levinas opera com termos distantes ou depurados da ontologia, a liberdade não tem primazia em relação à responsabilidade. A proximidade não é *pensada* em termos espaciais, o Eu não tem consciência da perseguição, obsediado e no acusativo, é responsável até a Substituição. E na Substituição ele substitui a tudo e a todos.

Essa subjetividade sempre tem uma responsabilidade *a mais* pelo próximo. Ela é substituição incondicional, é um-para-o-outro. Para entendermos melhor a idéia de substituição no pensamento de Levinas, entendamos como ele faz uma reviravolta no seu pensamento abandonando a metáfora da paternidade de *Totalidade e Infinito* e abraçando a metáfora da maternidade em *Autrement qu'être*:

enquanto em *Totalidade e Infinito* a metáfora privilegiada para expressar a relação eu-Outro era a da paternidade, susceptível de trazer à idéia a virilidade que (...) o autor acabou por identificar com o ser, agora fala-se de maternidade, que traz à idéia o feminino que Levinas identificará (...) com o humano. Para o autor, o eu, que é responsabilidade vai até a substituição, é maternidade que é ‘o levar por excelência’ e que é realização cabal da substituição. A mãe que traz em si o filho, o Outro, responsável por tudo, responsável até pelos que são responsáveis pelo filho que ela traz em si, o Outro no mesmo; ela é responsável ‘pelo perseguir do perseguidor’, pois que a maternidade é responsabilidade pelo próprio perseguidor (BRITO, 2002, p. 327).<sup>4</sup>

Levando mais a fundo a Substituição, ou melhor, a subjetividade, Levinas chega ao Eu como suporte, um ponto sob o qual pesa o universo. Ele leva assim às últimas consequências o termo sujeito, que no sofrimento, na passividade pura, se aproxima e encarna a responsabilidade por tudo e por todos. Assim, ele diz que “o si é sub-jectum: ele está sob o peso do universo – responsável por tudo. A unidade do universo não é o que meu olhar abraça na sua unidade da apercepção, mas isto que de todas as partes me incumbe, me olha, nos dois sentidos do termo: me acusa, é minha questão”(LEVINAS, 1978, p. 183).

O sujeito assim se torna único, indivisível, e, em última instância, insubstituível. A subjetividade parece cara a nós, uma vez que soa como dor, pois enquanto vimos uma

<sup>4</sup> Essa análise só foi possível a partir da leitura do prefácio do livro de Catarina Chalier: *lés matriarches, Sarah, Rebeca, Rachel et Léa*. Paris: Cerf, 1986. Texto que só tivemos conhecimento através do comentário de José Henrique Silveira Brito e que foi fundamental na compreensão dessa viragem no pensamento de Levinas.

A substituição como ética em *Autrement Qu'être ou Au-delà de L'essence* de Emmanuel Levinas  
*Ubiratane de Morais Rodrigues*

interioridade em *Totalidade e Infinito* se constituindo feliz e gozando na sua fruição dos alimentos do mundo, em *Autrement qu'être*, a constituição é literalmente um parto doloroso, é expiação e sofrimento. Ser Eu é ser dor? O sujeito não escolhe essa condição – ou in-condição – ela é anárquica, anterior a qualquer deliberação de seus esquemas racionais, o sujeito é no fim a pedra sobre a qual está constituída a responsabilidade ilimitada: ele é por inteiro Substituição, um-para-o-outro, ou melhor, um-para-os-outros: o Eu é serviço, Obra. Ser Eu é ser indiviso, atômico, colocando etimologicamente todo peso da palavra indivíduo em ação, ninguém pode dividi-lo ou multiplicá-lo. Ele não se iguala a nada.

Ser suporte do universo é estar num *inconforto divino*, é ser responsável para além de sua arbitrariedade. Isso não implica que o Eu não tenha dignidade ou seja um joguete na aventura do mundo. Antes, como suporte, ele se encontra aquém das discussões entre livre ou não-livre, ele se encontra engajado com o Bem, é por isso que antes dos termos que permeiam a ontologia, surgem os termos que garantem a Ética. Engajamento que é sofrimento na passividade de substituto, de responsável. Temos assim uma referência ao sentido aquém de qualquer discussão sobre liberdade. Ser suporte, eleito pelo Bem, não significa estar preso a uma dogmática, a Substituição não é uma moral, uma norma, não posso exigir que o Outro me substitua, ou pedir que o Outro substitua seu próximo. Levinas não está pregando a Substituição, ela não é um dogma. Pelo menos enquanto não surge o terceiro não temos a necessidade de pensar uma relação de direitos e deveres mútuos. Pedir ao Outro sacrifício, seria sugerir o sacrifício humano, a Substituição não se confunde com um imperativo categórico ou uma lei instituída. O sofrimento, a passividade, a obsessão, a proximidade são momentos de uma origem desconhecida, anárquica, aquém de qualquer representação. Levinas não está proclamando a universalidade de um novo princípio ou uma nova essência do Eu. A Substituição é justamente a condição de unicidade, de singularização do Eu, e não a generalização que formaria *Eus* em série. O Eu é eleito antes mesmo de *aceitar* a eleição do Bem, isto porque a

[...] anterioridade da responsabilidade com relação à liberdade significaria a Bondade do Bem, a necessidade para o Bem de eleger-me o primeiro antes que eu esteja em condições de eleger, quer dizer, acolher sua eleição, (...) passividade anterior a toda passividade, transcendente. *Anterioridade anterior a qualquer anterioridade representável: imemorial. O Bem antes do ser. Diacronia: diferença enfraquecida entre o Bem e eu, sem simultaneidade de termos heterogêneos. Porém também não-indiferença na diferença* (LEVINAS, 1978, p. 195, grifo do autor).

O Eu pensado a partir da Substituição, é um Eu que rompe com a essência, pois os termos não entram na arquitetura da ontologia. Este sujeito pensado assim é eleito pelo



Bem antes mesmo de decidir-se livre ou não-livre. Este é um pensamento que transcende o Ser, ou melhor, está além da essência. Na Substituição podemos encontrar um sentido, sentido para (re)pensar a relação entre os seres humanos, e, entre os seres humanos e a natureza. O *humanismo do outro homem* tem suas raízes nestas reflexões, onde o um-não-é-só-pelo-outro, mas um-pelo-e-para-os-outros.

## ÉTICA COMO SUBSTITUIÇÃO: RESPOSTA

A Substituição vem coroar a tese de Levinas de que a Ética é anterior à ontologia, isso é bem claro em *Autrement qu'être*, principalmente porque o um-para-o-outro que é o que garante o estatuto ético da responsabilidade, dá-se pela citação e não pela manifestação ou representação. O abandono da intencionalidade, que tem na consciência o lugar de identificação dos seres e mesmo da auto-identificação do sujeito, é testemunhado pela sua problematização da linguagem. Apresentar a subjetividade no Dizer e neste a Ética como doação até a Substituição é o esforço de mostrar que aquém do Dito existe a significância mesma da linguagem: o Dizer. Linguagem como contato. E é esta linguagem que vai fazer da Substituição a Ética por excelência no pensamento de Levinas.

Não podemos deixar de notar que o sujeito que substitui a tudo e a todos não é fruto da consciência, a luta de Levinas é justamente sair dessa identificação entre subjetividade e consciência. Por isso a exposição do capítulo sobre a Substituição em *Autrement qu'être* começa com o problema da identidade e da identificação na consciência, logo em seguida a linguagem como lugar dessa identificação é chamada para mostrar que a consciência é o tema privilegiado do Dito, e que neste, os filósofos têm esquecido da linguagem pré-original: o Dizer.

Levinas problematiza a consciência como origem, o princípio do qual deriva o sentido e a significação. E aqui temos um problema central em Levinas: de um lado a consciência de si doadora de sentido e de outro a citação que ordena a responsabilidade pelo Outro. Ora, o sentido e a significação vêm de um lugar que eu não conheço, aquém da consciência, de um lugar – não-lugar – anárquico. Vem de um passado imemorial que é irrepresentável, por isso a consciência não pode englobá-lo nem tematizá-lo. A significação vem de uma passividade absoluta, que não é uma tomada de consciência, de uma aceitação espontânea, mas está aquém das escolhas do Eu. Antes de todo engajamento espontâneo, a passividade é um traumatismo na temporalidade da consciência. Ela abre a possibilidade de uma responsabilidade aquém de toda tentativa de lembrança. Responsabilidade que no

A substituição como ética em *Autrement Qu'être ou Au-delà de L'essence* de Emmanuel Levinas  
Ubiratane de Moraes Rodrigues

Dizer é linguagem ética, linguagem que só pode responder profeticamente *eis-me aqui*, pois o sujeito, na Substituição, é por inteiro resposta.

A Substituição é possível porque o sujeito refém responde até pelas faltas de seu perseguidor, pois ele é obsedado, responsável até a Substituição, ele é o suporte do universo como nos diz Levinas. A Substituição é o lugar da expiação do sujeito, lugar ético do nascimento da consciência e da justiça, lugar onde pode nascer outra humanidade. Ela não é apenas um dar o pão da própria boca, é suportar. Nesse sentido a palavra *Sub-jectum* pode ser justificada. O sujeito é o para do um-para-o-outro, sempre ida, aventura de Abraão rumo à terra prometida. Ida que é sempre a exposição de si, resposta sempre em atraso em relação ao tempo do Outro e de si. O sujeito que suporta o universo é insubstituível, sempre acusado em sua extrema passividade.

Na Ética como Substituição temos a condição humana por excelência, nela a Ética é mais originária que a ontologia, pois ser suporte não é entrar numa relação de reconhecimento, ser suporte é doação, somente possível no Dizer. A subjetividade na linguagem Ética é doação, ter a fruição interrompida para responder. Subjetividade resposta, anárquica ao próprio sujeito, que já expulso de si não retorna a si pela consciência, mas em direção ao Infinito responde sempre em palavra profética. Resposta que nos autoriza dizer com Levinas que a substituição é Ética na medida em que o Eu nomeado pelo Outro, tendo seu gozo interrompido, responde em sua passividade absoluta: *eis-me aqui*.

A linguagem tem a dimensão mesma de pilar na arquitetura ética de Levinas, pois a palavra profética com a qual o Eu responde ao Outro é possibilitada pelo questionamento do Rosto do Outro que me identifica para além do pro-nome (eu). O Outro não só me cita à responsabilidade, mas já é a própria crítica à apologia do *logos* que o Dito tece no seio da filosofia. Diante do Outro o Eu não tem argumentos definido.

Não só a consciência, mas também a liberdade – como vimos anteriormente – é outra grande preocupação de Levinas, ela também parece ser o guia de sua filosofia em *Autrement qu'être*. Pois a Substituição só é possível se a liberdade for finita e a responsabilidade infinita. É de certa maneira essa noção que sustenta a exposição da Substituição. Se no jogo da ontologia a consciência é a peça fundamental, na intriga do um-para-o-outro o Si (mesmo) é a peça central, pois o Si (mesmo) é o que sustenta por baixo, é o *Sub-jectum*. Temos uma diferença radical entre Si (mesmo) e a consciência. Enquanto essa tem por princípio a saída para o mundo e a identificação, O Si (mesmo) é contração, um estar apertado em si mesmo, na corporeidade, na sua singularidade mais radical. Ele não se

identifica a nada, ele é Substituição por excelência, ele é pura passividade, o que Levinas chamou de *unidade atômica*.

Vemos assim que o sujeito que é obsediado pelo Outro tem como origem uma anarquia nunca trazida à memória, anarquia que não é o outro da ordem, Levinas não quer entrar num jogo de opostos: ordem contra desordem. Pois isso já seria apontar uma *arché* determinada. Ela não se coloca nessa esfera, ela não está presente na consciência, ela é uma interrupção no jogo da consciência, é por isso que Levinas faz passar assim da obsessão à perseguição, que é para ele uma inversão na consciência. Vê-se que Levinas utiliza termos estranhos à filosofia, ele não quer apontar uma origem determinada, pois a perseguição dá-se na passividade absoluta, passividade que não é receptividade, aceitação, sofrimento de algo que aceitamos, se fosse falaríamos de uma consciência, de uma origem.

É importante notar que Levinas em suas análises sobre a sensibilidade não transforma esta em conhecimento. Este enquanto encerrado no interesse não pode chegar ao outramente que ser, mas é justamente a partir da sensibilidade que podemos falar dele. Temos em Levinas essa estreita relação entre a sensibilidade e a significação. A sensibilidade a qual ele se refere é a do corpo e não a do conhecimento, visto que para Levinas o psiquismo é já no corpo exposição até a hemorragia.

No psiquismo – a sensibilidade, exposição do corpo – não é mais somente o egoísmo de *Totalidade e Infinito*, mas o Eu agora é vulnerabilidade, que no Dizer dá o pão de sua própria boca. A Sensibilidade era descrita por Levinas nesta obra como fruição, como gozo, e aqui vamos retomar como Levinas a entendia para apontar a ruptura radical que ocorre em *Autrement qu'être*. Pois nesta obra o Eu tem sua fruição interrompida.

Em *Totalidade e Infinito* O Eu, independente, tem na fruição o primeiro movimento de independência do Ser, isso porque a existência é antes de tudo viver a vida e tudo que dela se pode *apanhar*. Isso implica dizer que a vida interior do Eu não é norteadada pelo conhecimento, muito menos pela reflexão ou representação da exterioridade, mas é a abertura ao mundo onde a relação é de gozo, e funciona como princípio para a individuação e relação social do homem. Aqui o processo não é de negação da racionalidade, o problema é que se só existisse a racionalidade a sociedade não perduraria. O que Levinas quer dizer é que: “vivemos de ‘boa sopa’, de ar, de luz, de espetáculos, de trabalho, de idéias, de sono, etc... Não se trata de representações” (LEVINAS, 2000, p. 96). O prazer que o homem sente de gozar dos conteúdos da vida que a complementam não coincide com a necessidade de tudo representar em esquemas formais do intelecto. Antes ele busca fruir, alimentar-se, ser eu, viver para si, e no mundo ele busca a felicidade, pois “a

A substituição como ética em *Autrement Qu'être ou Au-delà de L'essence* de Emmanuel Levinas  
 Ubiratane de Moraes Rodrigues

vida é uma existência que não precede a sua essência. (...) A realidade da vida está já ao nível da felicidade e, neste sentido, para além da ontologia. A felicidade não é um acidente do ser, pois o ser arrisca-se pela felicidade” (LEVINAS, 2000, p. 98). Essa é a relação última da vida, felicidade e fruição. Mas, esta não está na esfera do Ser puro, ela pertence à esfera onde o fazer, o Ser e o viver se confundem, visto que:

Se o viver de..., a fruição, consiste igualmente em pôr-se em relação com outra coisa, tal relação não se desenha no plano do *puro ser*. O próprio acto que se desdobra no plano do ser entra, além disso, na nossa felicidade. Vivemos de actos – e do próprio acto do ser – tal como vivemos de idéias e de sentimentos. Aquilo que faço e aquilo que sou é, ao mesmo tempo, aquilo *de que vivo* (LEVINAS, 2000, p. 98).

Constata-se que para Levinas o *gozo*, a fruição, exalta o Eu para além do Ser puro, isso em hipótese alguma quer dizer que o Eu se tornou uma totalidade. O Eu assim, cria sua independência em relação ao Ser. Pois o homem tem fome, sede, frio, ou seja, necessidades que ele precisa suprir.

O Eu, a princípio é *egoísmo, identidade, unicidade*, buscando a satisfação de suas necessidades e fruindo dos elementos que se lhes apresentam. Vê-se que na fruição o Eu é *para si*, ele se torna suficiente *para si*. Tanto a fruição como a suficiência determinam a ipseidade do *Ego e do Mesmo*. O Eu não é o suporte da fruição, mas ele “[...] é a própria contracção do sentimento, o pólo de uma espiral cujo enrolamento e involução a fruição delinea: o centro da curva faz parte da curva. É precisamente como ‘enrolamento’, como movimento para si, que tem lugar a fruição” (LEVINAS, 2000, p. 104). Esse movimento de enrolamento em si produz a interioridade do Eu. Assim, pode-se dizer que na origem da subjetividade tem-se a fruição, posto que esta tem um movimento diferente do ontológico, tornando-se independente deste e elevando-se acima do Ser. Por isso Levinas afirmar que: “[...] a fruição realiza a independência em relação à continuidade, dentro dessa continuidade: cada felicidade chega pela primeira vez. A subjectividade tem a sua origem na independência e na soberania da fruição” (LEVINAS, 2000, p. 99). Se o movimento é contrário ao movimento da ontologia, o ente agora não depende mais da *compreensão do Ser*, ele vem primeiro, pois tem sua realização na consumação dos elementos do mundo na fruição.

O Eu frui, sua vida interior se constrói no processo de individuação que vem através da sensibilidade, que vive e frui do que lhe é exterior. É justamente através da fruição do gozo na relação com o mundo que nasce o psiquismo em *Totalidade e Infinito* “[...] tornando-se paradoxalmente dependência-independente do mesmo. O eu, originalmente,

A substituição como ética em *Autrement Qu'être ou Au-delà de L'essence* de Emmanuel Levinas  
*Ubiratane de Morais Rodrigues*

está firmado sobre uma exterioridade material. Nessa condição, por um lado, goza do mundo e, por outro, o psiquismo, a interioridade, o mantém em si mesmo (...) separado” (KUIAVA, 2003, p. 160). A partir desse momento, em que o Eu está satisfeito, ele pode ir em busca do Outro.

A noção de psiquismo em *Autrement qu'être* é radicalizada, pois já não é fruição como dissemos anteriormente, mas doação, dom. O Eu não sai para buscar o Outro, este já está dentro do Mesmo. O Eu não é sensibilidade como fruição, mas sensibilidade como doação. É o um-para-o-outro e o um-pelo-outro. Ele é a inversão da essência. E aqui lembramos mais uma vez a metáfora da maternidade para mostrar como o psiquismo se realiza no corpo,

[...] o um para o outro a guisa de sensibilidade, ou de vulnerabilidade; passividade ou susceptibilidade pura, passiva ao ponto de se fazer inspiração, ou seja, precisamente alteridade-dentro-do-mesmo. Tropo do corpo animado pela alma, psiquismo sob as espécies de uma mão que dá até o pão arrancado de sua boca. Psiquismo como um corpo materno (LEVINAS, 1978, p. 109).

O corpo possibilita a vulnerabilidade. Onde o Eu exposto até a ferida, dando, ou substituindo ao Outro, sofrendo seu sofrimento sai de si rumo ao Infinito. Saída que não é por falta de segurança ou por se encontrar já satisfeito e acolhedor, mas por obedecer ao mandamento, à ordem que vem do Infinito, da anarquia do Bem. Saída como expulsão do próprio corpo, o Eu não tem lugar em si, não tem casa de onde possa sair como em *Totalidade e Infinito*, ele está deposto de sua própria condição de sujeito. A responsabilidade que decorre dessa in-condição é fruto da sensibilidade, de um sujeito fora da consciência de si, que na proximidade é único porque é sempre resposta, é por inteiro vulnerabilidade, exposição e *Sub-jectum*. Assim podemos entender porque Levinas pensa o psiquismo irreduzível ao saber, antes ele é sensibilidade, não que esta seja oposta àquele, mas a sensibilidade é anterior ao conhecimento. E que a partir da proximidade podemos pensar a subjetividade como responsabilidade ilimitada até a Substituição.

A Substituição é a identidade mesma do sujeito, é sua condição humana por excelência, é sua obsessão até o Infinito. É escutar antes de ver, obediência à anarquia do Bem que o elege como responsável pelo Outro, responsabilidade que não decorre de nenhuma escolha, responsabilidade irrecusável. Pois é vinda de um passado imemorial, onde não sendo possível alcançar pela memória e trazer a consciência, nem mesmo podemos ter segurança, aventura sem retorno. Aventura para o desconhecido. A Substituição é essa aventura onde o sujeito eleito substitui a todos mais que jamais pode ser substituído. Ela “[...] não é um ato, ela é uma passividade inconvertível em ato [...]”

A substituição como ética em *Autrement Qu'être ou Au-delà de L'essence* de Emmanuel Levinas  
*Ubiratane de Moraes Rodrigues*

(LEVINAS, 1978, p. 185). Ela é antes da tomada de qualquer consciência, ela é a condição irrecusável e incompreendida de refém, ser Eu é ser refém. A subjetividade como Substituição é essa in-condição. É o outramente que ser. A possibilidade da Ética como filosofia primeira.

## REFERÊNCIAS

BONAMIGO, Gilmar Francisco. Primeira aproximação à obra de Emmanuel Levinas. **Síntese**, Belo Horizonte, v. 32, n. 102, p. 77-104, 2005.

BRITO, J. H. Silveira de. **De Atenas a Jerusalém**: a subjetividade passiva em Lévinas. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2002.

COSTA, Márcio. **Lévinas**: uma introdução. Petrópolis: Vozes, 2000.

KUIAVA, Evaldo Antônio. **Da subjetividade transcendental à transcendência ética**: um estudo sobre a questão da alteridade em Kant e Levinas. Caxias do Sul: Educs, 2003.

LESCOURRET, M. A. **Emmanuel Levinas**. Paris: Flammarion, 1994.

LEVINAS, E. **Autrement qu'être ou au-delà de l'essence**. Paris: Kluwer Academic, 1978. (Le livre de poche).

\_\_\_\_\_. **Descobrendo a existência com Husserl e Heidegger**. Trad.: Fernanda Oliveira. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.

\_\_\_\_\_. **Totalidade e infinito**: ensaio sobre a exterioridade. Trad.: José P. Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 1980.

\_\_\_\_\_. **Totalité et infini**. Essai sur l'extériorité. Paris: Kluwer Academic, 2000. (Le livre de poche).

\_\_\_\_\_. **Humanismo do outro homem**. Trad.: Pergentino S. Pivatto (coord.). Petrópolis: Vozes, 1993.

\_\_\_\_\_. **Ética e infinito**. Diálogos com Philippe Nemo. Trad.: João Gama. Lisboa: Edições 70, 1988.

\_\_\_\_\_. **Entre nós**: ensaios sobre a alteridade. Trad.: Pergentino S. Pivatto (coord.). Petrópolis: Vozes, 2005.

\_\_\_\_\_. **De Deus que vem à ideia**. Trad.: Pergentino S. Pivatto (coord.). Petrópolis: Vozes, 2002.

\_\_\_\_\_. **Difficile liberté**. Essai sur le judaïsme (1963). Paris: Albin Michel. 3ª ed. Revue et corrigée. Le livre de Poche, 1984.

MORO, Ulpiano Vázquez. **El discurso sobre Dios**: en la obra de E. Levinas. Madrid: UPCM, 1982.

A substituição como ética em *Autrement Qu'être ou Au-delà de L'essence* de Emmanuel Levinas  
*Ubiratane de Moraes Rodrigues*

NUNES, E. P. L. **O Outro e o Rosto:** problemas da Alteridade em Emmanuel Lévinas. Braga: Faculdade de Filosofia da Universidade Católica, 1993.

RICOEUR, Paul. **Outramente:** leitura do livro 'Autrement qu'être ou au-delà de l'essence' de Emmanuel Lévinas. Petrópolis: Vozes, 1999.

SUSIN, L. C. **O Homem messiânico:** uma introdução ao pensamento de Emmanuel Levinas. Petrópolis: Vozes; Porto Alegre: EST, 1984.

Recebido para publicação em 12/01/2015

Aceito para publicação em 10/04/2015